



A colectiva «Geração 2003» e, em baixo, a instalação «Iconoclash», de Arata Isozaki, apresentada em 1968

máticos inspirados nas teorias de Georgy Voronoy (1868-1908). Na exposição, Moura apresenta dois grupos de trabalho, um baseado em pinturas de Mondrian, outro a partir de retratos de Tuaregues. O resultado é uma pintura abstracta alveolar e mondrianesca na série que quer ser mondrianesca e pouco assimilável a qualquer relação com a imagem de um tuaregue nas pinturas que o pretendem. Com estas pinturas geradas a partir de diagramas, Moura pretende retirar à acção artística qualquer vestígio de expressão e emoção humanas, apresentando formas destituídas de algum propósito estético, como se fossem «autogeradas». A acção prolonga uma profícua mentalidade «anti-arte», com raízes profundas na modernidade do século XX, mas na sua pretensa radicalidade perde de vista os propósitos originais dessa recusa do estético (presente no dadaísmo do início do século e recuperada pelas neovanguardas

dos anos 60 e 70), projectando na aleatoriedade (ou, paradoxalmente, na combinação matemática) uma substituição tecnocrática do humano que em última análise nega não apenas o «fazer» artístico mas também qualquer artisticidade. (Encerra hoje)

CELSO MARTINS

## Geração 2003

Módulo

Sob a sombra da ingrata denominação «Geração 2003», a mostra reúne trabalhos de jovens artistas que recentemente tiveram na galeria a sua primeira individual. Faca de dois gumes que se por um lado revela a interessante procura de relações entre os muitos percursos iniciados, por outro os coloca sob a perigosa chancela de uma aparição relâmpago, com um sintomático conceito de «geração» definido ao ano (quase ao minuto) no horizonte. Auspiciosos são, no entanto, alguns dos caminhos vislumbrados, onde a intersecção/diálogo entre os meios utili-

zados, o trabalho sobre a representação do corpo e do universo feminino (com a manipulação de materiais e referentes a ele nas esculturas de Ana Rito e Catarina Saraiva, no vídeo de Marta Moreira, no painel de retratos de Brígida Mendes e na intervenção de Dino Alves), a (im)permanência do tempo, da memória e dos lugares (nas fotografias de Duarte Amaral Netto e Samuel Rama e nas pinturas de Ana Mata e Rui Ferreira) se vão firmando como profícuas linhas de pesquisa. (Até 8)

## Arata Isozaki

Museu de Serralves, Porto

São imagens violentas de corpos dilacerados pela guerra, em esgares de sofrimento por atrocidades cometidas (sob a memória de Hiroshima e Nagasaki), figuras espectrais, fantasmas e imagens de horror que envolvem quem atravessa a floresta dos biombos. Rotativos, desencadeando uma trama sonora pelo seu movimento, estes painéis espelhados onde a imagem do espectador também se projecta são, mais do que um caleidoscópico labirinto, uma metáfora sobre a condição humana construída a partir de um momento muito particular. Concebido em finais dos anos 60 para integrar a XIV Trienal de Milão, este emblemático projecto onde o arquitecto japonês Arata Isozaki (e a sua equipa, formada pelo gráfico Koe Siyura, o fotógrafo Shomei Tomatzu e o compositor Toshi Itchiyanagi) procurava reflectir sobre o contexto político, social e cultural da altura, foi destruído nos tumultos ocorridos durante a ocupação da exposição, em 1968. Uma intervenção posterior levada a cabo com o apoio da Fundação de Serralves concretizou, três décadas passadas, a instalação multimédia «Labirinto Eléctrico». (Encerra amanhã)

ANA RUIVO